

## “THE PURPLE JAR”, DE MARIA EDGEWORTH: UMA EXPERIÊNCIA TRADUTÓRIA

Lilian Agg Garcia\*

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo apresentar um breve panorama da vida e obra da autora angloirlandesa Maria Edgeworth (1767-1849), assim como a tradução brasileira do conto juvenil “The Purple Jar”, publicado por Edgeworth em 1856, incluído na obra *Rosamond: a series of tales* (1856), uma reedição da G. Routledge & CO., Farringdon Street, de Londres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto juvenil; Maria Edgeworth; “The Purple Jar”; tradução brasileira.

### Introdução

A escritora angloirlandesa Maria Edgeworth (1767-1849) foi, frequentemente, referenciada como a “Jane Austen irlandesa” ou o “Sir Walter Scott feminino”, apesar do estilo literário de Edgeworth ter motivado tanto Austen quanto Scott. Os romances e histórias da autora se enquadram em três categorias, a saber: representações da vida irlandesa, reflexões acerca da sociedade inglesa contemporânea e instruções sobre o treinamento moral das crianças. Os manuscritos de Edgeworth foram publicados entre 1796 e 1834 e

---

\* Doutoranda e mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc).

caracterizam-se pela ligação romântica ao passado semelhante ao escocês e pela sagacidade e racionalismo austenianos.

Edgeworth, inglesa de nascimento, foi a segunda de vinte e um filhos do pai Richard Lovell Edgeworth que era possuidor de uma propriedade irlandesa e de ideais progressistas acerca da educação, em especial, das falhas na educação feminina. A autora em questão foi educada em Derby e, também, em Londres, na Inglaterra. O pai, Richard Lovell acreditava que a educação era primordial para a construção do novo indivíduo do século XVIII, o qual iria prosperar por mérito próprio e não por herança familiar, conceito esse derivado das revoluções na política e filosofia do final do século XVIII.

Em 1782, a autora decidiu morar com o pai em Edgeworthstown, na Irlanda, para exercer a função de administradora da propriedade. Durante a sua estadia em Edgeworthstown, materiais foram selecionados para a produção dos seus romances acerca dos camponeses e senhores de terras irlandeses, as teorias educacionais de Richard Lovell também foram assimiladas para aqueles trabalhos em preparação. Após treze anos, o primeiro trabalho de Edgeworth, *Letters for Literary Ladies*, foi publicado, cujo tema abordava a reforma da educação da mulher. Em 1798 e 1809, respectivamente, *Practical Education* e *Essays on Professional Education* foram lançados em parceria com o pai, essas obras destacavam que as mulheres que aprendiam pelo uso da razão seriam melhores esposas e mães, ideologia comum entre aqueles que defendiam a educação feminina na virada do século XIX.

Edgeworth evitou a severa intervenção paterna na publicação do seu primeiro romance, *Castle Rackrent* (1800), anonimamente; apesar da não participação paterna, os romances da autora apresentaram avanços no quesito de propósito moral.

Assim como o romance *Belinda* (1801), de Fanny Burney, *Belinda* (1801), de Edgeworth, configurou-se como um romance acerca da educação feminina, temática essa apreciada por Austen. Edgeworth, também, lidou com questões, particularmente, sobre a Irlanda, assuntos não abordados pelos seus conterrâneos ingleses. *The Absentee* (1812) traçou os efeitos prejudiciais da vida rural irlandesa do sistema de latifúndio absentista, em

que os proprietários rurais moravam na Inglaterra. A preocupação da autora pela Irlanda ia além do literário, se considerar-se que Edgeworth trabalhou, arduamente, para aliviar os camponeses irlandeses durante a Grande Fome na Irlanda (1845-1847). Maria Edgeworth faleceu naquele país em 1849.

### **“O VASO ROXO”**

Rosamond, era uma garotinha de sete anos de idade, que andava com a mãe pelas ruas de Londres. Por onde passava, ela ia olhando as vitrines das várias lojas e se deparava com uma diversidade de tipos de produtos que ela não sabia para que serviam ou mesmo os nomes deles. Ela tinha vontade de parar para olhar tudo, mas as ruas estavam cheias de pessoas, carroças, carruagens e carrinhos de mão. E Rosamond estava com medo de se perder da mãe.

- Ah, mãe, eu ia ficar tão feliz se eu tivesse todas essas coisas bonitas! – disse ela, assim que passou por uma loja de brinquedos.

- O quê? Todas? Quer todas elas, Rosamond?

- Sim, mamãe, todas...

Enquanto a menina ia falando, elas foram à uma loja de chapéus, em que as vitrines estavam decoradas com fitas, rendas e festões de flores artificiais.

- Ah, mamãe... que rosas bonitas! Compra algumas, vai?

- Não, minha querida.

- Por que?

- Porque, não quero, filhinha.

Elas andaram mais um pouco e foram à outra loja que chamou a atenção de Rosamond. Era uma joalheria repleta de lindas peças de decoração organizadas em gavetas atrás da vitrine.

- Mami, a senhora vai comprar algumas dessas?

- Quais delas, Rosamond?

- Quais? Não sei... como todas são lindas, serve qualquer uma delas.

- É, todas são lindas, mas para que elas iriam me servir?

- Para que elas iriam servir... ah, tenho certeza que se comprasse elas primeiro, a senhora ia achar uma utilidade ou outra para elas.

- Mas, tenho que saber a utilidade primeiro.

- Bom, então, mamãe, tem fivelas. A senhora sabe que fivelas são muito, mas muito úteis.

- Já tenho duas, não quero outras. – disse a mãe e continuou andando.

A menina ficou sentida, pois a mãe não quis nada. Em seguida, no entanto, elas foram à uma loja que, para Rosamond, era muito mais bonita que todas as outras, ou seja, uma farmácia, mas ela não sabia disso.

- Ai, ai, mamãe! – gritou ela e puxou a mão da mãe. – Olha, olha! Azul, verde, vermelho, amarelo e roxo! Ai, mamãe, que lindos! Compra alguns desses?

A mãe respondeu com a mesma pergunta de antes:

- Para que eles me serviriam, Rosamond?

- A senhora pode colocar flores neles, mami, e eles iriam ficar muito lindos na prateleira da lareira. Eu queria um deles...

- Você já tem um vaso de flores. – disse a mãe. – e aquilo não é um vaso de flores.

- Mas, mamãe, a senhora sabe que posso usar isso como um vaso de flores.

- Talvez, se você olhasse mais de perto, se examinasse, iria ficar decepcionada.

- Com certeza, não. Estou certa que não, eu ia gostar ainda mais.

Rosamond ficou com a cabeça virada para trás para ver o “vaso roxo” até ela perdê-lo de vista.

- Mãe, - disse ela, depois de uma pausa, - talvez a senhora está sem dinheiro.

- Não, eu tenho dinheiro.

- Meu Deus! Se eu tivesse dinheiro, eu comprava rosas, caixas, fivelas, vasos roxos de flores e tudo mais. – Rosamond foi obrigada a parar de falar...

- Ah, mamãe, para um minutinho... tem uma pedra no meu sapato que tá me machucando muito.

- Mas, como que tem uma pedra no seu sapato?

- Por causa desse buracão, mamãe... o buracão começa ali. Meus sapatos tão muito velhos... eu queria que a senhora fosse boazinha e me desse um outro.

- Não, Rosamond! Não tenho tanto dinheiro para comprar sapatos, vasos de flores, fivelas, caixas e tudo mais.

A menina achou que era uma pena...

Naquele momento, o pé dela, que tinha machucado na pedra, começou a doer tanto que ela teve que pular a cada passo e não conseguiu pensar em mais nada. Logo, em seguida, elas foram à uma sapataria...

- Ali, ali! Mami, tem sapatos, tem sapatos pequenos que me servem e a senhora sabe que sapatos seriam de muita utilidade para mim.

- Sim, seriam, Rosamond. Entra. – a garotinha seguiu a mãe na loja.

O Seu Solano, o sapateiro, tinha muitos clientes, e a loja estava cheia, então elas tiveram que esperar.

- Então, Rosamond, - disse a mãe, - não acha essa loja tão bonita quanto as outras?

- Não, nem um pouco. Essa loja é preta e escura e só tem sapatos por todos os lados. Sem contar esse cheiro desagradável.

- É cheiro de couro novo.

- Ah, é? – disse a menininha, olhando para os lados. – Tem um par de sapatos pequenos que vão me servir, tenho certeza.

- Talvez, eles te sirvam... mas, você não pode ter certeza antes de prová-los. Assim como, não pode ter certeza que você ia gostar muito do vaso roxo antes de examiná-lo com atenção.

- Não sei sobre os sapatos, com certeza, até que eu prove, mas, mami, tenho certeza que ia gostar do vaso.

- Então, o que você prefere: aquele “vaso” ou os sapatos? Vou comprar apenas um deles.

- Mãezinha, obrigada... mas, a senhora pode comprar os dois?

- Não, os dois, não!

- Então, o “vaso”, se a senhora deixar...

- Mas, devo te dizer que nesse caso não te darei outro par de sapatos esse mês.

- Esse mês!? Mas, é muito tempo... a senhora não imagina como me dói, acredito que devo ficar com os sapatos novos. Mas, aquele vaso roxo de flores... Ah, mami, de verdade, esses sapatos não são tão ruins assim! Acho que eu podia usar eles por um tempinho até que o mês acabe. Posso cuidar para que eles durem até o fim do mês, né? A senhora não acha, mamãe?

- Não, minha querida... quero que você pense. A senhorita vai ter tempo de sobra para decidir, enquanto converso com o Seu Solano sobre os meus tamancos.

O Seu Solano estava livre e enquanto a mãe de Rosamond conversava com ele, a menina ficou em um profundo estado de meditação, com um sapato em um pé e o outro na mão.

- E, então, decidiu, filha?

- Mamãe! ... Acredito que sim. Se a senhora permitir, eu queria o vaso de flores. Mas, só se a senhora não me achar muito boba, mami.

- Quanto a isso, não posso te prometer, Rosamond. Mas, quando você tem que tomar uma decisão por si própria, você deve escolher aquilo que te fará feliz. Então, não quer dizer que te achariam boba.

- Mamãe, se é assim... tenho certeza que vou ficar feliz com o vaso de flores. – disse ela, vestindo o calçado velho de novo. – Então, escolho o vaso de flores.

- Muito bem, você o terá. Amarre o sapato e vamos para casa!

Rosamond arrumou o sapato e foi correndo atrás da mãe. Não demorou muito o sapato começou a escorregar pelos calcanhares e, muitas vezes, a menina foi obrigada a parar para tirar as pedras do sapato. Além disso, ela, frequentemente, mancou de dor,

mesmo assim, não deixou de pensar no vaso roxo de flores e não mudou de ideia. Quando a mãe e a filha foram à loja de vitrine grande, Rosamond ficou contente em ver a mãe chamar o funcionário para pedir o “vaso” roxo e entrega-lo em casa. Como o rapaz tinha outras entregas na frente, ele não pôde entregar aquele produto. Sendo assim, a menininha entrou em casa, foi correndo colher todas as flores que tinha no canto do jardim da mãe.

- Sinto em dizer, mas essas flores vão morrer antes do vaso chegar, Rosamond. – disse a mãe, quando a filha entrou com as flores nos braços.

- Certeza que não, mamãe. Eu me atrevo a dizer que o vaso vai chegar logo.... Será que vou ficar feliz em colocar essas flores nele?

- Espero que sim, minha querida.

O funcionário da loja demorou muito mais para entregar o vaso que Rosamond tinha esperado. Mas, finalmente, ele fez a entrega do tão esperado “vaso”. No momento em que a encomenda foi colocada na mesa, a garotinha correu até lá e perguntou explodindo de alegria:

- Posso pegar o vaso agora, mamãe?

- Sim, ele é seu, querida!

Rosamond transferiu as flores do colo para o tapete e segurou o vaso.

- Ah, mãezinha! – gritou ela ao tirar a tampa. – Tem uma coisa escura dentro que fede demais... O que é isso? Eu não queria essa coisa preta...

- Nem eu, filhinha.

- Mas, o que faço com isso, mamãe?

- Faça o que quiser, querida.

- Mamãe, me empresta uma vasilha para eu despejar isso?

- O que me pede vai além do que te prometi, minha filha. Mas, vou te emprestar uma tigela.

A tigela foi providenciada e Rosamond começou a esvaziar o vaso roxo. No entanto, ao mesmo tempo, aquilo foi uma surpresa decepcionante descobrir que aquele ob-

jeto não era mais um vaso “roxo”, quando completamente esvaziado. O suposto vaso era um pote de vidro branco liso que parecia ser daquela cor bonita por causa do licor que estava ali dentro. A pobrezinha caiu no choro:

- Por que chora, filhinha? – disse a mãe. – Ele vai ser muito útil para você agora, vai servir de vaso de flores.

- Mas, ele não vai ficar tão bonito na lareira. Tenho certeza que se eu soubesse que não era roxo, não ia querer tanto ele.

- Mas, não te disse que você não tinha examinado e que talvez iria se decepcionar?

- E tô decepcionada de verdade. Queria ter acreditado na senhora desde o começo.

- Se fosse hoje eu ia preferir os sapatos, porque não vou conseguir andar com ele nesse mês todo. Sinto dor até mesmo indo a pé para casa... olha que o caminho é bem curto. Mamãe, vou te devolver o vaso de flores e aquela coisa roxa e tudo mais, se a senhora me der apenas os sapatos.

- Não, Rosamond! Você deve se conformar com sua escolha e agora a melhor coisa a fazer é, possivelmente, suportar a decepção com bom humor.

- Vou suportar isso da melhor maneira possível. – disse a menina, enxugando os olhos e começou a encher o vaso com flores devagar e muito tristonha.

Entretanto, a decepção da menina não acabou por ali.... Até o final do mês, Rosamond passou por muitas dificuldades e angústias por causa daquela escolha impensada. Todos os dias, os sapatos da menina pioravam, chegando ao ponto que ela não conseguia correr, dançar, pular ou andar com eles. Sempre que convidada para algo, Rosamond tinha que ficar puxando os sapatos até os calcanhares e com isso se atrasava demais.

Sempre que a mãe saía para caminhar, ela não podia levar a filha, pois os sapatos estavam sem solas. No último dia do mês, o pai da menina propôs levá-la com o irmão à uma estufa que Rosamond queria ver há muito tempo.

Ela estava muito feliz, mas quando estava pronta de chapéu e luvas, ela se apressou para descer as escadas para encontrar o pai e o irmão na porta do hall, foi, então, que



o sapato saiu do pé dela. Apressadamente, ela o colocou de novo; no entanto, ao passar pelo hall, o pai dela se virou e disse:

- Por que você está andando desleixada? Ninguém anda desse jeito comigo.... Por que, Rosamond? – disse ele, olhando para os sapatos da filha com desgosto. – Eu achava que você sempre se cuidava. Ah, vai! Não posso te levar comigo.

Rosamond ficou envergonhada e se retirou.

- Ah, mãe, - disse, quando tirou o chapéu, - como eu queria que eu tivesse escolhido os sapatos! Eles teriam sido muito mais úteis que o “vaso”... aliás, tenho certeza, não, não, tenho absoluta certeza. Mas, espero ser mais esperta na próxima vez.

### “THE PURPLE JAR”

**ROSAMOND**, a little girl about seven years old, was walking with her mother in the streets of London. As she passed along, she looked in at the windows of several shops, and saw a great variety of different sorts of things, of which she did not know the use, or even the names. She wished to stop to look at them, but there was a great number of people in the streets, and a great many carts, carriages, and wheelbarrows, and she was afraid to let go her mother’s hand.

“O, mother, how happy I should be,” she said, as she passed a toy-shop, “if I had all these pretty things!”

“What, all! Do you wish for them all, Rosamond?”

“Yes, mamma; all.”

As she spoke, they came to a milliner’s shop, the windows of which were decorated with ribands and lace, and festoons of artificial flowers.

“Oh, mamma, what beautiful roses! Wont you buy some of them?”

“No, my dear.”

“Why?”

“Because I don’t want them, my dear.”

They went a little further, and came to another shop, which caught Rosamond’s eye.

It was a jeweller's shop, and it were a great many pretty baubles, ranged in drawers behind glass.

"Mamma, will you buy some of these?"

"Which of them, Rosamond?"

"Which? I don't know which; any of them will do, for they are all pretty."

"Yes, they are all pretty; but of what use would they be to me?"

"Use! Oh, I'm sure you could find some use or other for them if you would only buy them first."

"But I would rather find out the use first."

"Well, then, mamma, there are buckles; you know that buckles are useful things, very useful things."

"I have a pair of buckles; I don't want another pair," said her mother, and walked on.

Rosamond was very sorry that her mother wanted nothing. Presently however, they came to a shop, which appeared to her far more beautiful than the rest. It was a chemist's shop, but she did not know that.

"Oh, mother, oh!" cried she, pulling her mother's hand, "look, look! Blue, green, red, yellow, and purple! Oh, mamma, what beautiful things! Won't you buy some of these?"

Still her mother answered as before, "Of what use would they be to me, Rosamond?"

"You might put flowers in them, mamma, and they would look so pretty on the chimney-piece. I wish I had one of them.

"You have a flower-pot," said her mother, "and that is not a flower-pot."

"But I could use it for a flower-pot, mamma, you know. "

"Perhaps if you were to see it nearer, if you were to examine it, you might be disappointed."

"No, indeed, I'm sure I should not; I should like it exceedingly. "

Rosamond kept her head turned to look at the purple vase, till she could see it no longer.

"Then, mother, " said she, after a pause, "perhaps you have no money."

"Yes, I have. "

"Dear me, if I had money I would buy roses, and boxes, and buckles, and purple flower-pots, and everything." Rosamond was obliged to pause in the midst of her speech.

"Oh, mamma, would you stop a minute for me? I have got a stone in my shoe; it hurts me very much."

"How comes there to be a stone in your shoe?"

"Because of this great hole, mamma – it comes in there; my shoes are quite worn out. I wish you would be so very good as to give me another pair."

"Nay, Rosamond, but I have not got money enough to buy shoes, and flower-pots, and buckles, and boxes, and everything."

Rosamond thought that was a great pity.

But now her foot, which had been hurt by the stone, began to give her so much pain that she was obliged to hop every other step, and she could think of nothing else.

They came to a shoemaker's shop soon afterwards.

"There, there! Mamma, there are shoes; there are little shoes that fit me, and you know shoes would be really of use to me."

"Yes, so they would, Rosamond. Come in." She followed her mother into the shop.

Mr. Sole, the shoemaker, had a great many customers, and his shop was full, so they were obliged to wait.

"Well, Rosamond," said her mother, "you don't think this shop so pretty as the rest?"

"No, not nearly; it is black and dark, and there are nothing but shoes all round; and, besides, there's a very disagreeable smell."

"That smell is the smell of new leather."

"Is it? Oh!" said Rosamond, looking round, "there is a pair of little shoes; they'll just fit me, I'm sure."

"Perhaps they might; but you cannot be sure till you have tried them on, any more than you can be quite sure that you should like the purple vase exceedingly, till you have examined it more attentively.

“Why, I don’t know about the shoes, certainly, till I have tried; but, mamma, I am quite sure that I should like the flower-pot.”

“Well, which would you rather have, that jar, or a pair of shoes? I will buy either for you.”

“Dear mamma, thank you – but you could buy both?”

“No, not both.”

“Then the jar, if you please.”

“But I should tell you, that in that case I shall not give you another pair of shoes this month.”

“This month! That’s a very long time indeed! You can’t think how these hurt me; I believe I’d better have the new shoes. Yet, that purple flower-pot. O, indeed, mamma, these shoes are not so very, very bad! I think I might wear them a little longer, and the month will soon be over. I can make them last till the end of the month, can’t I? Don’t you think so, mamma?”

“Nay, my dear, I want you to think for yourself; you will have time enough to consider the matter, whilst I speak to Mr. Sole about my clogs.”

Mr. Sole was by this time at leisure, and whilst her mother was speaking to him, Rosamond stood in profound meditation, with one shoe on, and the other in her hand.

“Well, my dear, have you decided?”

“Mamma! – yes, - I believe I have. If you please, I should like to have the flower-pot; that is, if you wont think me very silly, mamma.”

“Why, as to that, I can’t promise you, Rosamond; but, when you have to judge for yourself, you should choose what will make you happy, and then it would not signify who thought you silly.”

“Then, mamma, if that’s all, I’m sure the flower-pot would make me happy,” said she, putting on her old shoe again; “so I choose the flower-pot.”

“Very well, you shall have it; clasp your shoe, and come home.”

Rosamond clasped her shoe and ran after her mother.

It was not long before the shoe came down at the heel, and many times she was obliged to stop to take the stones out of it, and she often limped with pain; but still the thoughts of the purple flower-pot prevailed, and she persisted in her choice.

When they came to the shop with the large window, Rosamond felt much pleasure upon hearing her mother desire the servant, who was with them, to buy the purple jar, and bring it home. He had other commissions, so he did not return with them. Rosamond, as soon as she got in, ran to gather all her own flowers, which she kept in a corner of her mother's garden.

"I am afraid they'll be dead before the flower-pot comes, Rosamond," said her mother to her, as she came in with the flowers in her lap.

"No, indeed, mamma, it will come home very soon, I dare say; and sha'n't I be very happy putting them into the purple flower-pot?"

"I hope so, my dear."

The servant was much longer returning home than Rosamond had expected; but at length he came, and brought with him the long-wished-for jar. The moment it was set down upon the table, Rosamond ran up to it with an exclamation of joy:

"I may have it now, mamma?"

"Yes, my dear, it is yours."

Rosamond poured the flowers from her lap upon the carpet, and seized the purple flower-pot.

"Oh, my dear mother!" cried she, as soon as she had taken off the top, "but there's something dark in it which smells very disagreeably. What is it? I didn't want this black stuff."

"Nor I, my dear."

"But what shall I do with it, mamma?"

"As you please, my dear."

"Will you lend me a bowl to pour it into, mamma?"

"That was more than I promised you, my dear; but I will lend you a bowl."

The bowl was produced, and Rosamond proceeded to empty the purple vase. But she experienced much surprise and disappointment, on finding when it was entirely empty, that it was no longer a purple vase. It was a plain white glass jar, which had appeared to have that beautiful colour merely from the liquor with which it had been filled.

Little Rosamond burst into tears.

“Why should you cry, my dear?” said her mother; “it will be of as much use to you now as ever, for a flower-pot.”

“But it wont look so pretty on the chimney-piece. I am sure, if I had known that it was not really purple, I should not have wished to have it so much.”

“But didn’t I tell you that you had not examined it; and that perhaps you would be disappointed?”

“And so I am disappointed, indeed. I wish I had believed you at once. Now I had much rather have the shoes, for I shall not be able to walk all this month; even walking home that little way hurt me exceeding. Mamma, I will give you the flower-pot back again, and that purple stuff and all, if you’ll only give me the shoes.”

“No, Rosamond; you must abide by your own choice, and now the best thing you can possibly do, is to bear your disappointment with good humour.”

“I will bear it as well as I can,” said Rosamond, wiping her eyes, and she began slowly and sorrowfully to fill the vase with flowers.

But Rosamond’s disappointment did not end here. Many were the difficulties and distresses into which her imprudent choice brought her, before the end of the month. Every day her shoes grew worse and worse, till at last she could neither run, dance, jump, or walk in them. Whenever Rosamond was called to see anything, she was detained pulling her shoes up at the heels, and was sure to be too late. Whenever her mother was going out to walk, she could not take Rosamond with her, for Rosamond had no soles to her shoes; and at length, on the very last day of the month, it happened that her father proposed to take her with her brother to a glasshouse, which she had long wished to see. She was very happy; but, when she was quite ready, had her hat and gloves on, and was mak-

ing haste down stairs to her brother and father, who were waiting for her at the hall door, the shoe dropped off. She put it on again in a great hurry, but, as she was going across the hall, her father turned round.

"Why are you walking slip-shod? no one must walk slip-shod with me; why, Rosamond," said he, looking at her shoes with disgust, "I thought that you were always neat; go, I cannot take you with me."

Rosamond coloured and retired. "O, mamma," said she, as she took off her hat, "how I wish that I had chosen the shoes! They would have been of so much more use to me than that jar: however, I am sure, no, not just quite sure; but I hope I shall be wiser another time."

#### **"THE PURPLE JAR", BY MARIA EDGEWORTH: A TRANSLATIONAL EXPERIENCE**

**ABSTRACT:** This paper has the aim to present a brief overview of the Anglo-Irish writer Maria Edgeworth's works and life (1767-1849), as well as the Brazilian translation of the juvenile short-story "The Purple Jar", published by Maria Edgeworth in 1856, the story is inserted in the writing *Rosamond: a series of tales* (1856), a G. Routledge & CO's reedition, Farringdon Street, in London.

**KEYWORDS:** Brazilian translation; juvenile short story; Maria Edgeworth; "The Purple Jar".

#### **REFERÊNCIAS**

EDGEWORTH, Maria. "The Purple Jar". In: EDGEWORTH, MARIA. *Rosamond: a series of tales*. London: Routledge & CO. 1856.

WOLF, Abby. Maria Edgeworth. In: 19th Century Women Writers. Disponível em: <http://www.pbs.org/wgbh/masterpiece/wives/writers/edgeworth.html>. Acesso em 15/08/2015.

*Recebido em 06/09/2015.  
Aprovado em 14/12/2015.*